



# CRONOTOPIAS DA VÁRZEA: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO EM NARRATIVAS DE VIDA DE FREQUENTADORES DE CAMPOS DE FUTEBOL AMADOR EM BELO HORIZONTE/MG

DOI: 10.47677/gluks.v24i1.437

Recebido: 15/02/2024

Aprovado: 02/05/2024

VECCHIO, Pollyanna de Mattos Moura<sup>1</sup>

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de<sup>2</sup>

**RESUMO:** O futebol de várzea não é apenas um esporte praticado em campos periféricos improvisados. Para muitas pessoas que não têm acesso a estruturas adequadas de lazer e esporte, os campos de futebol amador tornam-se um refúgio. Leonor Arfuch apresenta o conceito de cronotopia, que conecta o tempo e o lugar vivenciado às experiências que moldam nossa identidade. No contexto do futebol amador, o campo de várzea transforma-se nesse cronotopo, um espaço-tempo marcado pelo imaginário e pela valorização desse local como um refúgio contra ambientes desafiadores. Através da análise discursiva de entrevistas com cinco frequentadores de campos de várzea de Belo Horizonte/MG, foi possível extrair imaginários específicos, os quais atravessam o interdiscurso que perpassa as narrativas. Dentre eles estão: 1) o campo de várzea como cronotopo por ser um espaço que contrasta com a vida difícil das periferias, e 2) o campo de várzea como cronotopo por significar um espaço simbólico que deve ser defendido diante da ameaça da especulação imobiliária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol, Várzea, Análise do Discurso, Cronotopias, Narrativas de Vida.

## Introdução

A pesquisadora argentina Leonor Arfuch, em “Cronotopías de la intimidad” (2005), afirma que há diversas formas de expressão que podem fazer parte do espaço biográfico e inclui nelas espaços físicos significativos, como a casa da primeira infância, a cidade natal e

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos de Linguagens. Servidora do Centro Federal de Educação Tecnológica de MG, Brasil. Coordenadora do projeto de extensão “Memórias do Futebol de Várzea em Belo Horizonte: das linhas do campo às páginas da identidade”. pollyannamattosvecchio@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de MG, Brasil. Coordenador do projeto de extensão “Memórias do Futebol de Várzea em Belo Horizonte: das linhas do campo às páginas da identidade”. henriqueletras1901@gmail.com.



outros lugares que representam uma poética do espaço. Neste estudo, consideramos campos de várzea como um representante desse tipo de espaço biográfico que, embora seja coletivo, também é um lugar onde o íntimo pode ser expresso e manifestado, já que o espaço é considerado um fator determinante na construção das experiências e memórias afetivas de um determinado grupo.

Nas regiões periféricas de norte a sul do Brasil, campos de futebol amador construídos pela iniciativa das comunidades locais não apenas servem como espaços para atividades esportivas informais, mas também desempenham um papel crucial no fortalecimento do sentimento de pertença e identidade dessas comunidades. Os campos de terra, muitas vezes improvisados em terrenos planos conhecidos como várzeas, tornam-se símbolos de união e orgulho local. Partidas informais de futebol, as famosas “peladas”, e a formação de clubes de futebol amador não só favorecem a integração social, mas também ajudam a construir uma identidade coletiva e a promover o desenvolvimento comunitário por meio do esporte.

Nossa defesa é a de que o futebol de várzea é muito mais do que um simples esporte praticado em campos improvisados. Para muitas pessoas alijadas de estruturas de lazer e esporte, bem como da possibilidade de uma vida digna, ele se torna um refúgio. Arfurt (2005) apresenta-nos a ideia de cronotopia, que relaciona o tempo e o lugar vivenciado às experiências que moldam nossa identidade. No caso das narrativas sobre o futebol amador, o campo de várzea torna-se esse cronotopo, um espaço-tempo marcado pelo imaginário e pela exaltação desse lugar como um refúgio em meio a ambientes hostis.

Nas comunidades onde o futebol de várzea é praticado, as condições socioeconômicas precárias são uma realidade constante. O acesso a estruturas de lazer e esporte é limitado ou inexistente, ou, como arriscamos dizer, privilégio para poucos. Nesse contexto, o campo de várzea surge como uma alternativa viável, oferecendo a oportunidade de proporcionar ali momentos de diversão, competitividade e socialização.

Nas narrativas das pessoas que frequentam ou frequentaram campos de várzea, é possível perceber a exaltação desse lugar como uma espécie de refúgio. O imaginário relacionado à várzea é carregado de memórias afetivas e histórias de superação. É nesse espaço-tempo que as identidades são construídas e reafirmadas, onde os indivíduos encontram um senso de pertencimento e de comunidade.

Assim, o campo de várzea transcende as fronteiras do esporte e se torna um símbolo de resistência, esperança e inclusão social. Ele oferece oportunidades para aqueles que foram excluídos das estruturas convencionais de lazer e esporte, permitindo que eles se reconheçam

como sujeitos ativos na construção de suas próprias histórias.

Diego Biagi (2017), ao se aprofundar no estudo dos significados das práticas de futebol amador na cidade de São Paulo, destaca que os campos de várzea permitem uma visão mais ampla das dinâmicas da intervenção política nos bairros, as quais se refletem na esfera municipal. Para o pesquisador, o futebol tem o potencial de evidenciar e/ou exigir ações do Estado para melhorar a qualidade de vida nas áreas periféricas. Afinal, os campos de futebol promovem a interação entre diversos atores sociais que compartilham identidades e sentimentos de pertencimento em comum, moldados pela convivência no espaço.

Em relação ao nosso *locus* de pesquisa, ou seja, a cidade de Belo Horizonte (BH), Letícia Julião (1996) argumenta que o plano de construção da capital do estado de Minas Gerais, liderado por Aarão Reis na última década do século XIX, concentrou-se principalmente no núcleo administrativo, representado pelos limites da então Avenida 17 de Dezembro, atual Avenida do Contorno. De acordo com a pesquisadora, houve poucos esforços para desenvolver além disso, especialmente em relação ao território suburbano. Ela destaca que a Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) não considerou a construção de vias que ligassem a área urbana às zonas periféricas, o que gerou um obstáculo físico responsável por isolar, estrategicamente, a cidade monumental das áreas comumente identificadas como pobres, perigosas e até mesmo insalubres.

De acordo com Julião, a geometria clara e arejada, que determinava previamente os limites e hierarquizava os territórios da cidade, não só reiterava o caráter higienista do projeto original, mas evitaria, por décadas adiante, contágios indesejados da cidade oficial com a cidade periférica. O projeto arquitetônico de Belo Horizonte, portanto, ao mesmo tempo revelava e naturalizava os chamados perigos da multidão suburbana.

Não é de se estranhar, pois, que os habitantes de espaços periféricos de BH tenham se organizado a fim de criarem suas próprias zonas de convivência e socialização. Muitas regiões, inclusive, antecedem a estruturação da capital, como as atuais Venda Nova e Barreiro. Nesses lugares, habitavam descendentes de escravizados, trabalhadores rurais, operários da construção, migrantes pobres e uma sorte de pessoas “indesejadas” por significativa parcela das pessoas abrigadas dentro do perímetro da Avenida do Contorno. O futebol, por sua vez, acabou sendo uma forma de proporcionar ocupação, lazer e convívio em espaços carentes de políticas de Estado na cidade.

Nossa hipótese é a de que os atores que vivenciaram e vivenciam o esporte nas cidades operam como arquivos vivos do conhecimento e devem ser contemplados quando se propõe

reconstruir as memórias e as identidades das regiões onde estão inseridos. Ao se referirem ao futebol varzeano na capital paulista, os pesquisadores Santos, Bonfim e Spaggiari (2022, p. 149) sinalizam para “uma necessidade explícita por incorporar sujeitos e grupos sociais historicamente silenciados, além de aprofundar um aporte teórico e conceitual que seja capaz de suplantar a concepção eurocêntrica de patrimônio, globalmente disseminada”.

Tendo em vista tal possibilidade de pesquisa, este artigo se propõe a trazer parte da perspectiva daqueles que viveram para contar. Partimos da premissa de que, ouvindo narrativas de vida de diferentes personagens da várzea, podemos ligar os pontos em comum dessas vozes e fazer emergir um interdiscurso capaz de evidenciar o conhecimento e os imaginários desses sujeitos sobre o papel dos campos de futebol de várzea na capital mineira como espaços de cronotopia para muitos de seus frequentadores.

Nesse sentido, para este artigo, entrevistamos 05 personagens do futebol varzeano de Belo Horizonte, de gerações diferentes, e que frequentam ou frequentaram distintos campos da cidade. Depois, investigamos de que modo o imaginário sociodiscursivo do campo de várzea como cronotopo aparece no interdiscurso que perpassa as narrativas de vida. As entrevistas foram coletadas com técnicas de narrativa de si (ARFURCH, 2010), depois transcritas e analisadas tendo em vista a perspectiva do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2008). Uma vez que envolveu seres humanos, a pesquisa foi submetida à avaliação e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição onde foi executada.

Os resultados da análise demonstram que, dentre os imaginários que estão presentes nas narrativas, sobressaem-se dois: 1) aquele que atribui ao campo de várzea a ideia de um espaço de refúgio à vida escassa das periferias retratadas pelos entrevistados; e 2) aquele que atribui à exploração do mercado imobiliário o perigo para a sobrevivência dos campos remanescentes.

O artigo está organizado da seguinte maneira: na próxima seção, fazemos uma revisão bibliográfica de estudos que tratam do futebol de várzea no Brasil, até chegar ao nosso *locus*, ou seja, a cidade de Belo Horizonte. Em seguida, apresentamos a perspectiva discursiva que adotamos como base para o estudo, trazendo os conceitos de cronotopia, narrativa de si, interdiscurso e imaginários sociodiscursivos. Apresentado o arcabouço teórico, partimos para as análises do *corpus*, iniciando com a contextualização das entrevistas e finalizando com análise de trechos selecionados.

## O futebol de várzea pelo prisma dos estudos acadêmicos

Ao se realizar uma revisão bibliográfica sobre os estudos que tratam do futebol de várzea no Brasil, observa-se um número considerável de pesquisas no estado de São Paulo. Embora não utilizem nossa abordagem discursiva, são estudos que reforçam a hipótese do campo de várzea e da prática do futebol periférico como um espaço biográfico onde se observa a cronotopia.

Alberto Luiz dos Santos (2021), por exemplo, estuda as batucadas de beira de campo como bens culturais num sentido amplo, defendendo o samba como patrimônio cultural da capital paulista e o futebol de várzea como autoconstrução e obra da periferia. Utilizando como metodologia um percurso etnográfico com observação de eventos com futebol e batucada, aplicação de questionário semiestruturado e registros audiovisuais, o pesquisador chega à conclusão de que há um

atrelamento histórico entre futebol e samba na capital paulista, das várzeas iniciais às periferias da metrópole e de que, nos campos de várzea, as referências culturais se realizam permeando identidades, pertencimento, sonoridades, memórias, ludicidade, formas de sociabilidade, gestos e estéticas. (SANTOS, 2021, p. 11)

Em relação à patrimonialização desses espaços, Santos defende que os campos de várzea são representações de lugares urbanos em que o valor econômico se opõe ao valor simbólico, sendo este determinado por afetos e sentimentos identitários que levam algumas comunidades a denunciarem a utilização capitalista dos campos com a especulação imobiliária, daí a emergência, segundo o pesquisador, do tombamento de campos onde se pratica o futebol popular.

Também com o objetivo de refletir sobre os processos de proteção ao patrimônio relacionado à várzea, Alberto Luiz dos Santos, Aira Bonfim e Enrico Spaggiari (2022) propõem um mapeamento da várzea paulistana. Tal mapeamento encontra-se em vigor e conta com o apoio do Núcleo de Identificação e Tombamento do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH). Tal proposta cartográfica tem sido conduzida por meio de três principais eixos temáticos: os campos, os acervos/coleções e os eventos/projetos/práticas culturais envolvendo o futebol amador. A metodologia utilizada envolve pesquisa documental e bibliográfica, mapeamento georreferenciado e pesquisa etnográfica. Os pesquisadores têm chegado à conclusão de que o “futebol varzeano, de maneira simplificada, enquadra-se em bens materiais que poderiam ser tombados, incluindo as sedes dos clubes, os campos, as medalhas, as taças, os uniformes e toda coleção de acervos históricos” (SANTOS, BONFIM, SPAGGIARI, 2022,

p. 149). Porém, a pesquisa demonstra que esse resguardo tem sido feito ainda de maneira rudimentar e quase exclusivamente pelas

próprias comunidades envolvidas com esses futebolis, que categorizam processo de levantamento documental, institucionalização, divulgação/comunicação das informações a respeito desses bens. Iniciativas que, no entanto, não diminuem ou escanteiam a urgência dos processos de resguardo, salvaguarda e fiscalização que são atribuídos a patrimônios protegidos. (SANTOS, BONFIM, SPAGGIARI, 2022, p. 150).

No caso de Belo Horizonte, por meio de pesquisas bibliográficas baseadas sobretudo na análise de jornais, Raphael Rajão Ribeiro (2018; 2019; 2021) dedicou-se ao estudo das origens tanto do futebol de clubes quanto do futebol amador. O autor afirma que, ao longo da primeira metade do século XX, os times mais elitizados que estavam se formando na capital e no estado de Minas Gerais acabaram se juntando para formar um circuito de futebol de espetáculo, ou seja, campeonatos com presença de torcida e arrecadação de bilheteria. Dirigentes destas equipes também começaram a assumir cargos de direção em entidades reguladoras do esporte no estado, resultando na profissionalização de alguns times, como o Atlético e o América, e limitando os jogos de times de elite com agremiações que não fizessem parte do circuito, sobretudo fazendo “segregação da associação de trabalhadores braçais, de negros, de pobres e de moradores de áreas suburbanas” (RIBEIRO, 2021, p. 205).

Esse teria sido um dos motivos para a formação de agremiações paralelas aos times já existentes. Nessa época, teriam surgido times amadores em bairros mais populares, como Yale Athletic Club e o Palestra Itália (que passará a se chamar Cruzeiro Esporte Clube), times do bairro operário do Barro Preto, e outras agremiações nos bairros Floresta e Lagoinha, ambos fora do perímetro da Avenida do Contorno.

Ainda sobre a várzea belo-horizontina, Felipe Vinícius de Paula Abrantes (2021), em sua tese de doutoramento em Estudos do Lazer, analisa especificamente a prática esportiva realizada por frequentadores do Parque Jornalista Eduardo Couri, no Morro do Papagaio, em Belo Horizonte. Em relação aos usos do parque, para além dos campos de futebol, a pesquisa de Abrantes mostrou que existe uma espécie de barreira social entre os diferentes grupos que usam o equipamento público. Ainda que a organização de equipes de futebol materialize torneios e festivais no Parque, a apartação social nas organizações das equipes, bem como na apropriação do equipamento público são elementos denunciadores da segregação social no território em que o espaço público está localizado.

Abrantes chega à conclusão de que, na gestão do parque, faltava/falta conexão entre os anseios da comunidade e o que era/e oferecido pelo poder público. A pesquisa revelou que a maioria das atividades de lazer no parque eram/são iniciativas dos moradores, evidenciando, assim, a falta de protagonismo do Estado. Ele também analisa que os campos do parque são espaços públicos, mas a manutenção, organização e promoção de atividades são feitas pela Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia, que se opôs à colocação de grama sintética no campo, alegando que poderia levar ao controle do espaço por empresas patrocinadoras privadas, uma forma de resistência à mercantilização dos campos, o que seria, pois, mais um golpe violento nas populações periféricas e protagonistas do futebol amador.

### **Cronotopia, narrativas de si, interdiscurso e imaginários sociodiscursivos**

Adotamos, como base para este estudo, quatro conceitos da Análise do Discurso: as ideias de cronotopia, de narrativa de si, de interdiscurso e de imaginários sociodiscursivos, os quais apresentamos brevemente a seguir.

Começando pelo conceito de cronotopia, o qual norteia este dossiê, podemos entendê-lo conforme nos propôs Arfuch (2005), quando a pesquisadora utiliza o termo “cronotopos” para descrever uma relação simbiótica entre uma época (tempo ou cronos), um espaço/lugar (topos) e um envolvimento emocional (afeto), e como essa relação marca a identidade das pessoas. Segundo a pesquisadora, essa interação entre tempo-espaço-afeto moldaria as experiências individuais e coletivas, influenciando a forma como percebemos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

Alguns exemplos de cronotopia poderiam ser, por exemplo, um parque de diversões que frequentamos durante a infância e que, ao retornarmos a ele, o espaço é preenchido por emoções e memórias afetivas; também poderia ser uma cidade histórica com ruas estreitas e construções antigas, onde o tempo parece retroceder e o espaço é preenchido por uma sensação de nostalgia e conexão com o passado. No nosso caso, o campo de várzea seria um cronotopo porque opera um lugar que remete a afetos relacionados à paixão pelo futebol, à energia, às amizades e, principalmente, a um refúgio contra uma vivência marcada pela escassez.

A respeito da teoria das narrativas de si ou narrativas de vida, a mesma Leonor Arfuch, agora em sua obra-prima *O espaço biográfico*, de 2010, afirma que “toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, coletivo, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade” (ARFUCH, 2010, p. 100). Também afirma que, nas últimas décadas, houve um grande aumento na produção de relatos de vida, em um





movimento interdisciplinar de análises e da utilização preferencial da entrevista como fonte de dados para a pesquisa científica em Ciências Sociais. Para a autora, o uso da entrevista traz para a pesquisa “o imaginário da voz, da presença, da proximidade, a ideia de uma ‘verdade’ – da vida, do acontecimento – que o diálogo, em suas inúmeras acentuações, seria capaz de restituir” (ARFUCH, 2010, p. 242).

Por sua vez, a abordagem de Dominique Maingueneau (2008) sobre o interdiscurso sugere a existência de uma memória discursiva que cada indivíduo carrega consigo, contendo tudo aquilo que ele leu, ouviu e viu ao longo da vida, proveniente de fontes como família, Estado, igreja, mídia, entre outras. Para Maingueneau, essa memória discursiva é composta por formulações que são repetidas, rejeitadas e transformadas umas pelas outras. Dessa forma, existem discursos dentro de outros discursos, tanto aqueles que se reafirmam quanto os que são rejeitados, em uma rede ou diálogo infinito. Essa rede é o interdiscurso e seu estudo passou a ser de grande importância para as pesquisas nesse campo epistemológico.

Passando agora para os imaginários sociodiscursivos, Patrick Charaudeau (2017) descreve-os como interpretações da realidade compartilhadas por grupos sociais específicos e difundidas em diferentes domínios discursivos, como religião, política, arte e esporte. De acordo com o autor, dado que a realidade é demasiadamente complexa para ser compreendida individualmente, as pessoas recorrem aos imaginários sociodiscursivos produzidos por instâncias de poder para dar sentido às suas experiências. Além de influenciar a percepção de mundo, os conhecimentos e discursos aos quais as pessoas aderem ao longo do tempo, consciente ou inconscientemente, têm impacto direto em suas escolhas e ações, modelando suas vidas.

Os imaginários influenciam a adesão a uma determinada visão de mundo e podem ser identificados não apenas nos textos produzidos pelas autoridades, mas também nas falas de seus seguidores ou até mesmo de seus opositores. Sob a perspectiva do interdiscurso, os imaginários sociodiscursivos refletem-se nos discursos das pessoas e das instituições, revelando suas percepções de mundo, identidades individuais e coletivas, bem como sua aceitação ou rejeição de um discurso dominante e sua avaliação das atividades sociais.

Através da análise do interdiscurso presente nas entrevistas com diferentes frequentadores de campos de futebol amador de Belo Horizonte, investigamos quais imaginários sobre esse cronotopo emergiram nas falas dos participantes, considerando o diálogo entre os diferentes discursos. Além disso, exploramos como a cronotopia se manifesta nesses imaginários, ou seja, como a relação entre espaço, tempo e afeto se reflete nas percepções





dos entrevistados sobre os espaços ligados ao futebol amador. Posteriormente, discutimos o que esses imaginários e cronotopos podem revelar em relação ao papel e à importância do futebol amador para seus praticantes, para as comunidades em que estão inseridos e, por fim, para a própria cidade de Belo Horizonte.

### **Metodologia e descrição dos participantes**

Este estudo faz parte do projeto de extensão “Memórias do Futebol de Várzea em Belo Horizonte: das linhas do campo às páginas da identidade” coordenado pelos autores e desenvolvido no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, em Belo Horizonte/MG. O objetivo principal do projeto é reconstruir parte da memória identitária da referida cidade por meio de entrevistas com personagens do futebol amador local.

Tendo como base teórica as técnicas de narrativas de si, foi elaborado um roteiro de entrevista em profundidade com perguntas que levavam os participantes a, primeiro, relatarem sua história com a várzea de Belo Horizonte e, depois, apresentarem a perspectivação de si em relação ao papel que a várzea desempenha/desempenhou nas suas vidas e na de outros indivíduos e comunidades que fazem parte de suas respectivas trajetórias. As entrevistas duraram em média 60 minutos, foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para fins de análise. Por questões éticas, os nomes dos participantes foram alterados para nomes fictícios.

O primeiro participante será denominado Carlos. Trata-se de um homem de 72 anos de idade que relata ter sido jogador e treinador de diversos times amadores da capital mineira. Sua atuação principal teria sido entre os anos de 1970 e início dos anos 2000, em times das regiões Centro-sul e Oeste de Belo Horizonte. Carlos é aposentado e sua escolaridade é o Ensino Fundamental.

A segunda participante será denominada Rosa. Trata-se de uma mulher de 69 anos de idade, que participa como voluntária de uma agremiação vinculada à Federação Mineira de Futebol. Rosa cuida da escolinha de futebol para crianças e adolescentes carentes no campo do time ao qual está ligada, na região Centro-sul de Belo Horizonte. Entre suas responsabilidades, está a arrecadação de verba entre os comerciantes locais para o lanche semanal servido para cerca de 100 alunos após o treino. Rosa é aposentada e sua escolaridade é o Ensino Fundamental.

O terceiro participante será denominado Daniel. Trata-se de um homem de 29 anos de idade, que relata já ter sido jogador de diferentes times amadores da capital mineira, incluindo

times federados. Ainda atuante, porém não na categoria de destaque dos times (primeiro quadro), sua atuação principal teria sido entre os anos de 2008 e 2015, em times da região Oeste e Noroeste de Belo Horizonte. Daniel é bacharel em Direito.

O quarto participante será denominado José. Trata-se de um homem de cerca de 60 anos de idade que relata ter sido jogador e treinador de times amadores do interior de Minas Gerais e de Belo Horizonte, incluindo times femininos, e que sempre esteve ligado à cobertura jornalística esportiva, exercendo essa atividade como *hobbie*. Sua atuação principal teria se iniciado nos anos 1980 e atualmente é comentarista esportivo em uma rádio da capital. Carlos é bancário aposentado e sua escolaridade é a graduação.

O quinto participante será denominado Bento. Trata-se de um homem de cerca de 50 anos de idade que atua como árbitro em jogos de times amadores de Belo Horizonte e região metropolitana.

Três dos cinco participantes (Carlos, Rosa e Daniel) relatam terem vivido durante a infância, adolescência e parte da idade adulta em aglomerados urbanos, fora do hipercentro da capital, onde estão as sedes dos principais times amadores aos quais estiveram/estão ligados.

### **Análises discursivas**

Conforme observamos na descrição dos participantes, embora tenham vivenciado o futebol amador na cidade de Belo Horizonte, eles pertencem a gerações diferentes e não frequentam/frequentaram os mesmos campos de várzea. Apesar desse distanciamento temporal e geográfico, o interdiscurso que perpassa as narrativas evidencia o imaginário da várzea como um contraponto à infância e à juventude carentes de recursos vivenciadas pelos entrevistados e o campo como o cronotopo que sintetiza a sensação de estar em um lugar onde se sentia prazer. Analisemos os seguintes trechos:

Minha vida naquela época era vida de pobre. Eu fui criado em uma favela. Você tinha que buscar a água na cabeça. Tinha que se virar, estudar de manhã, levar o almoço para o pai ao meio-dia e voltar a pé para os campinhos de bola. Aí, a tarde inteira ficava disponível, até as sete horas. Até o sol ir embora, a gente ia jogar futebol. Era pelada o dia inteiro. No domingo ia jogar no time. (CARLOS)

Antigamente não tinha nada aqui. A única coisa que destacava era o futebol e a igreja. Eu mexi na igreja também. Fiz coroação de Nossa Senhora. Não tinha televisão direito, não tinha celular igual tem hoje. Não tinha muito lazer, nosso lazer era ver o time jogando. (...) A melhor coisa que já aconteceu nesse campo foi quando colocou iluminação elétrica nesse campo. Eu fiquei doidinha, fiquei feliz demais. (ROSA)

Eu cresci em uma vila bem pequenininha, colada no Anel Rodoviário. Então eu, meus primos e meus amigos não tínhamos muito acesso ao lazer e cultura. Meus pais são casados há mais de 40 anos, então eu tive uma boa estrutura familiar, mas a gente não tinha dinheiro. Meu lazer, durante minha infância, era jogar bola. Eu jogava bola em qualquer lugar que você possa imaginar: na rua, em casa, em qualquer quadra que nós achávamos, qualquer campo. Isso acontecia até mesmo por falta de dinheiro e de acesso a outros brinquedos. Por exemplo, na minha época tinha videogame, mas eu, meus primos e meus amigos não tínhamos. Então a gente jogava bola no tempo livre inteiro. Eu ia pra escola de manhã, voltava, a gente comia e eu e meus primos íamos pro campo. (DANIEL)

Nos trechos, podemos observar a menção afetiva aos campos nas escolhas lexicais como “campinho de bola”, ou quando o campo é de tal forma apropriado pelo frequentador que suas melhorias são comemoradas como se fossem a própria casa. É o que se depreende do seguinte trecho: “A melhor coisa que já aconteceu nesse campo foi quando colocou iluminação elétrica. Eu fiquei doidinha, fiquei feliz demais”.

Por um lado, há formações que revelam a visão dos entrevistados sobre a comunidade onde moravam como um lugar carente de recursos e sobre as parcas condições socioeconômicas de suas respectivas famílias. Esse imaginário pode ser observado nas escolhas lexicais dos entrevistados para caracterizar o local em que viviam: “vida de pobre”, “favela”, “vila bem pequenininha, colada no Anel Rodoviário”, “não tinha nada aqui”; em descrições de atividades, como “tinha que buscar a água na cabeça”; na atestação da ausência do Estado em: “não tínhamos muito acesso ao lazer e cultura”, “Não tinha muito lazer”; e na baixa condição socioeconômica das famílias em: “a gente não tinha dinheiro”, “falta de dinheiro e de acesso a outros brinquedos”.

Por outro lado, observamos formações que trazem o imaginário do futebol nos campos de várzea como a única opção de lazer disponível no contexto em que viviam. Esse imaginário pode ser observado em trechos como “até o sol ir embora a gente ia jogar futebol. Era pelada o dia inteiro”, “Meu lazer, durante minha infância, era jogar bola”, “então a gente jogava bola no tempo livre inteiro. Eu ia pra escola de manhã, voltava, a gente comia e eu e meus primos íamos pro campo”, “A única coisa que destacava era o futebol” e “nosso lazer era ver o time jogando”.

Outro interdiscurso que perpassou as narrativas foi a visão do campo de várzea como um espaço de contraponto à violência a que estão expostos os moradores das comunidades periféricas, podendo ser eles vítimas dela ou mesmo enxergar na própria criminalidade uma opção de ocupação do tempo livre, tendo em vista a ausência do Estado na implantação de políticas públicas de lazer, esporte, cultura e de outras atividades voltadas para crianças e jovens

moradores desses locais. Isso sem mencionar a ausência de opções amplas de lazer em espaços mais distantes do hipercentro da capital. Analisemos os seguintes trechos:

Eu falo mais de onde eu venho e lá o pessoal é humilde. Você pega aquelas crianças que estão saindo do crime e tal, você dá uma condição boa, um projeto que a criança chega e tem um café da manhã para ela, tem um jogo de futebol, sendo o melhor pra ela, tem ajuda daquelas empresas com algum suporte, dá camisa, fim de ano faz festa. Então a criança sai um pouco de drogas, que toda favela tem. (CARLOS)

Comecei há muito tempo a mexer com escolinha, mas daí parou. De uns doze anos pra cá, eu comecei a dar os lanches de novo, depois de um dia que eu estava sentada no ônibus com um antigo técnico da escolinha. A gente estava vendo fotos dos meninos dos times e ele tava me mostrando quem tinha morrido, a maioria por criminalidade. Daí eu falei com ele pra gente voltar com a escolinha pra diminuir um pouco isso. Assim eu comecei a mexer de novo com os lanches e estamos aqui até hoje. (ROSA)

Eu cresci em um lugar onde a gente tinha contato e vivia em meio ao tráfico de drogas, o que era escancarado, à luz do dia. Então eu passava do lado de conhecidos meus, primos meus que vendiam drogas e que estavam ali planejando até mesmo ações criminosas. E o futebol sempre foi, pra mim, o que nos mantinha ocupados com uma coisa boa. Eu acho que atrelado a educação, o esporte tem poder de socializar e de ensinar. Eu sempre falo que a várzea forma caráter. A gente jogava bola mesmo, o dia inteiro, e era aquilo que nos mantinha, de certa forma, felizes, entretidos, enfim, envolvidos com algo que nos ajudava a ficar longe de coisas ruins. (DANIEL)

Os entrevistados compartilham o imaginário da comunidade periférica como um lugar onde há grande exposição da violência, vivenciada inclusive por crianças. Isso pode ser vislumbrado nos seguintes trechos: “crianças que estão saindo do crime”, “a gente tinha contato e vivia em meio ao tráfico de drogas” e “eu passava do lado de conhecidos meus (...) que estavam ali planejando até mesmo ações criminosas”, “ele tava me mostrando quem tinha morrido, a maioria por criminalidade”. Outra coincidência é que os três entrevistados projetam o espaço dos campos de futebol de várzea como um refúgio para essas situações. É como se o campo funcionasse como um território imune às formas de violação em sentido amplo, daí o seu alçamento a um cronotopo na memória afetiva dos entrevistados.

No caso do entrevistado Carlos, ele não inclui a si mesmo nessa vivência, mas demonstra adesão ao imaginário dos campos de várzea como refúgio quando elogia a iniciativa de projetos para crianças que envolvem o futebol amador, classificando-os positivamente, como nos trechos “sendo o melhor pra ela” e “a criança sai um pouco de drogas”.

Para a entrevistada Rosa, a sua observação do futebol como contraponto à violência a teria levado a se articular com outros moradores para reavivar a escolinha de futebol no campo de várzea de sua comunidade, projeto do qual participa ativamente na atualidade. Isso pode ser observado no trecho: “A gente estava vendo fotos dos meninos dos times e ele tava me



mostrando quem tinha morrido, a maioria por criminalidade. Daí eu falei com ele pra gente voltar com a escolinha pra diminuir um pouco isso”.

Em relação ao entrevistado Daniel, a adesão ao imaginário da várzea como refúgio à violência emerge como experiência própria, em que o entrevistado enxerga o futebol periférico como um dos fatores que contribuíram para que ele tivesse uma infância sadia e que ajudaram na formação de seu caráter. Isso pode ser observado em trechos como: “nos mantinha ocupados com uma coisa boa”, “a várzea forma caráter”.

Outro imaginário que perpassa as narrativas é a defesa da sobrevivência dos campos varzeanos diante do desafio da especulação imobiliária e da intervenção abusiva do Estado. Vejamos os trechos:

É uma pena porque o progresso acabou com a maioria dos campos de futebol amador. Qualquer favela que você subia nos anos 60 e 70 tinha time de futebol. (...) Hoje em dia, muitos times que existiram nas décadas de 60 e 70 foram extinguidos por causa das empresas que foram comprando os terrenos. As imobiliárias compraram tudo, compraram o campo do São Jorge, compraram parte do campo do Pompéia. Hoje é tudo prédio. (CARLOS)

Como árbitro, fico muito à vontade para falar isso porque eu praticamente fui em todos os campos amadores, e vejo isso como a última fonte de lazer da comunidade. E, em cima disso, também porque o futebol gera renda para as pessoas ali desempregadas. Só a cerveja ou a lanchonete lá vende salgado, então gera renda pra comunidade. Então o futebol amador gera renda também, não só para a arbitragem como para a comunidade que vende seus produtos ali. (BENTO)

Vejo com macro e vejo com muita preocupação o que acontece hoje. Eles reformam o campo, colocam uma cerca no campo, uma tela, e proíbem a participação da comunidade. Só pode participar o grupo fechado. E isso vem atrapalhando o futebol amador. Eu entendo que temos o problema do vandalismo, mas temos que tentar. É muito simples você excluir quem dá problema, conviver com quem não te dá problema é muito fácil. O difícil é você trazer quem te dá problema para o seu lado e fazer com que ele jogue no seu time, e é isso que precisamos fazer na sociedade. (JOSÉ)

Analisando os trechos, podemos perceber uma espécie de denúncia dos entrevistados ao que a urbanização tem feito com os campos de várzea. O entrevistado Carlos, por exemplo, se refere a um terreno ao final da Avenida Silva Lobo, no bairro Nova Granada, na região Oeste de Belo Horizonte, que por muitos anos sediou grandes disputas de futebol amador, mas que hoje abriga um gigantesco condomínio de apartamentos edificadas pela construtora Tenda. O entrevistado Bento ressalta a relevância econômica dos campos, que são fonte de renda para moradores das comunidades de seu entorno. Já o entrevistado José expõe sua desconfiança de que a entrada de agentes externos possa fazer com que a comunidade perca sua autonomia em relação ao patrimônio dos campos. O entrevistado expõe uma suposta tentativa higienista do Estado ou patrocinadores de reformar o campo para passar a controlar quem irá frequentá-lo. A preocupação do entrevistado reverbera os achados da pesquisa de Abrantes (2021) sobre o Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan./abr., 2024-ISSN: 2318-7131-Vol.24, nº 1



receio de membros da comunidade do Morro do Papagaio, em Belo Horizonte, de que a colocação de grama sintética no campo local poderia levar ao controle do espaço por empresas patrocinadoras privadas.

Esse imaginário corrobora as preocupações de Santos, Bonfim e Spaggiari (2022), que afirmam que os campos de futebol amador devem ser considerados um patrimônio material passível de proteção e fiscalização atribuídos aos patrimônios protegidos.

Por fim, em três das narrativas, perpassa o interdiscurso de que o futebol de várzea tem grande potencial para subsidiar políticas públicas de esporte e lazer em comunidades periféricas.

Eu penso que essas escolinhas que eles fazem hoje em dia nos campos de várzea são uma coisa muito boa, porque as crianças já ficam com aquele intuito. Porque, hoje em dia, querendo ou não, até a criança da favela, com poder aquisitivo menor, não tem mais o mesmo interesse no futebol. O negócio deles é computador, celular, é rede social. A criança da favela está inserida nesse contexto já. Então os projetos que têm em alguns times de favela devem ser expandidos, vários locais de favelas têm muito isso, projeto do menor. (CARLOS)

Um campo de periferia igual tem aqui, com esse tanto de menino que tem aqui, eu não me preocupo se vai sair um Neymar. É claro que eu vou gostar, mas eu estou mais preocupada com a escola, que ele estude e que ele respeite as pessoas, se torne uma pessoa do bem, que vai ter uma família. É pra isso que eu venho aqui todo sábado e corro atrás do lanche. (ROSA)

A gente tem uma várzea cada vez mais atuante. O poder público deveria utilizar isso para o bem. A prefeitura, o governo do estado, até mesmo políticas públicas federais, eles podem utilizar isso como um aliado no combate à violência, no aumento dos índices dos indicativos escolares. E a gente não usa isso porque a gente não achou o modelo eficaz, eficiente, ou porque a gente não deu a devida atenção para isso, pra juntar educação, esporte, porque é algo que não pode estar desvinculado. (DANIEL)

Nos trechos, percebemos a adesão dos entrevistados ao imaginário da várzea como fator de transformação social, como um instrumento próprio das periferias e que, por esse motivo, teria grande potencial para ser usado pelo poder público para melhoria das condições de vida em locais que, desde a fundação da cidade de Belo Horizonte até contemporaneamente, têm sido alijados do acesso a aparelhos públicos de lazer, esporte e cultura.

No caso do entrevistado Carlos, há uma visão de que os projetos de escolinhas de futebol para menores de 18 anos de idade nos clubes amadores podem servir, inclusive, de contraponto a um desafio pungente enfrentado por crianças e jovens nos últimos anos, que é o excesso de tela. Já a entrevistada Rosa demonstra seu entendimento de que, por um lado, a chegada ao estrelato de um jogador profissional saído de campos de periferia é um acontecimento raro se observarmos a quantidade de crianças que frequentam os campos. Por outro lado, é imenso o potencial do futebol comunitário de contribuir para um crescimento saudável de um enorme

número de crianças e adolescentes moradores de periferias e que esse deveria ser o objetivo maior dos projetos que envolvem a várzea.

Por fim, o entrevistado Daniel vislumbra a utilização do potencial do futebol de várzea como política de integração entre educação e esporte que poderia transformar a realidade brasileira.

### **Considerações finais**

Neste estudo, entrevistamos cinco personagens do futebol varzeano de Belo Horizonte. Nosso objetivo foi investigar como o imaginário sociodiscursivo da várzea como cronotopo aparece no interdiscurso que perpassa as narrativas de vida. As entrevistas foram coletadas com técnicas de narrativa de si, depois transcritas e analisadas tendo em vista a perspectiva do interdiscurso.

Nossa hipótese foi a de que, ouvindo narrativas de vida de diferentes personagens da várzea, pudéssemos ligar os pontos em comum dessas vozes e fazer emergir o interdiscurso capaz de evidenciar o conhecimento e os imaginários desses sujeitos sobre o papel do campo de futebol de várzea como um lugar em que há um imbricamento entre tempo-espaço-afeto na memória dos entrevistados.

Para tanto, fizemos um primeiro movimento de discutir brevemente a instalação da capital e os indícios de exclusão, tais como a urbanização do núcleo administrativo em detrimento das zonas periféricas; a falta de acesso e fácil integração entre os diversos espaços da cidade; e a ausência de equipamentos de lazer, esporte e cultura para além da Avenida do Contorno. Em seguida, relacionamos a formatação da história de Belo Horizonte à marginalização contra sujeitos periféricos.

O interdiscurso presente nos relatos dos entrevistados revela três dimensões acerca dos campos de futebol de várzea em Belo Horizonte. Em primeiro lugar, o campo de várzea aparece como um espaço de contraponto à infância e juventude carentes de recursos, uma vez que três dos entrevistados se apresentaram como pessoas de origem bastante humilde e que habitaram espaços periféricos da capital. Em segundo lugar, surge o imaginário da várzea como um contraponto à violência a que estão expostos os moradores das comunidades periféricas. Como desdobramento desse interdiscurso, podem-se ler os campos de várzea como raros espaços de lazer em regiões carentes. Curiosamente, esses espaços não foram contemplados com infraestrutura adequada ao bem-viver desde a fundação de Belo Horizonte, tampouco



despertaram interesse por parte de governos em dotá-los de equipamentos de esporte, lazer e cultura. E, por fim, os campos e o futebol de várzea como um todo são vistos como elementos de grande potencial para subsidiar políticas públicas de esporte e lazer em comunidades periféricas.

Com este trabalho, esperamos evidenciar, por meio do interdiscurso analisado, demandas urgentes de sujeitos e coletivos quanto ao esporte e ao lazer na cidade de Belo Horizonte. Ressaltamos que se trata de um trabalho em fase de desenvolvimento, que faz parte de um projeto de extensão baseado em entrevistas com personagens do futebol de várzea local. Esperamos que, conforme o projeto avance e sejam coletadas e analisadas mais entrevistas, seja possível reconhecer outros imaginários que nos permitam reconstruir parte da memória identitária da capital de Minas Gerais.

## Referências

- ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula. *A bola no “pé do morro”*: o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG. 2021. 202 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- ARFUCH, Leonor. Cronotopías de la intimidad. In: ARFUCH, Leonor (compiladora). *Pensar este tiempo*. Espacios, afectos, pertenencias. Buenos Aires: Paidós, 2005. pp. 239-290
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- BIAGI, Diego Fernandes de. *Amadores, profissionais e varzeanos*: os significados das práticas futebolísticas na cidade de São Paulo e os clubes da comunidade. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.
- CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. *Entrepalavras*, Fortaleza, 571-591, jan./jun. 2017.
- JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/ARTE, 1996, v. 1, p. 49-105.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola, as ruas alinhadas e uma poeira infernal*: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2018.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Festivais esportivos varzeanos em Belo Horizonte: memória social da cultura futebolística popular. *FuLiA*, v. 3, p. 10-36, 2019.

RIBEIRO, Raphael Rajão. *A várzea e a metrópole: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989)*. 492 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2021.

SANTOS, Alberto Luiz dos. *O samba como patrimônio cultural em São Paulo (SP): as batucadas de beira de campo e o futebol de várzea*. 2021. 322 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SANTOS, Alberto Luiz dos; BONFIM, Aira; SPAGGIARI, Enrico. Mapeamento do futebol de várzea de São Paulo (SP): reflexões para processos de proteção ao patrimônio. *Revista Desenvolvimento Social*, vol. 28, n. 1, p. 122-152, jan/jun, 2022.

SPAGGIARI, Enrico. *Família joga bola: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*. 2015. 470 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

## **CHRONOTOPES OF THE VÁRZEA: MEMORY, IDENTITY, AND PATRIMONY IN LIFE NARRATIVES OF AMATEUR SOCCER FIELD GOERS IN BELO HORIZONTE/MG**

**ABSTRACT:** The amateur soccer played in improvised peripheral fields is not just a sport. For many people who lack access to proper leisure and sports facilities, these amateur soccer fields become a refuge. Leonor Arfuch introduces the concept of chronotope, which connects the experienced time and space with the experiences that shape our identity. In the context of amateur soccer, the field becomes this chronotope, a space-time marked by imagery and the appreciation of this location as a refuge against challenging environments. Through the discursive analysis of interviews with five attendees of Belo Horizonte/MG's amateur soccer fields, it was possible to extract imagery that pass across the interdiscourse that pervades the narratives, among them: 1) the soccer field as a chronotope for being a space that contrasts with the difficult life in the peripheries, and 2) the soccer field as a chronotope for signifying a symbolic space that must be defended against the threat of real estate speculation.

**KEYWORDS:** Amateur soccer, Várzea, Discourse analysis, Chronotope, Life Narratives.